

‘Hakani’ e o caminho para o inferno

Mais de 1000 000 pessoas assistiram a um trecho do filme ‘Hakani’ no YouTube. Este filme é a peça principal de uma campanha que supostamente luta contra o infanticídio Indígena no Brasil. Stephen Corry explica porque o assunto é mais complicado do que parece no filme e porque a Survival International é contra.

Você se opõe ao filme Hakani. Porquê?

Stephen Corry: É uma encenação. Junta filmagens de muitos povos indígenas diferentes e usa truques de fotografia para fazer valer os seus argumentos. Não foi filmado numa comunidade indígena, a terra cobrindo a cara das crianças é na verdade chocolate e os Índios que aparecem no filme foram pagos como atores.

Os autores do filme dizem que é uma reconstituição. Como você responde?

Stephen Corry: O filme é apresentado como sendo inteiramente real. O título de abertura da versão completa diz mesmo ‘uma história verdadeira’ e só no final o espectador fica sabendo que se trata de uma reconstituição. O trecho que se encontra no YouTube, que foi visto por um número muito maior de pessoas, nem sequer menciona isso. Se fosse exibido nos cinemas e na televisão, isso seria obrigatório.

Não acreditamos que seja real. A história é que uma tempestade deslocou a cobertura de uma casa indígena. Um ancião, temendo os maus espíritos, ordenou que duas crianças fossem mortas. Uma foi salva pelo irmão e levada para uma missão. Enquanto isso, na comunidade, outra criança é supostamente morta por estar ‘possuída/o’.

Se isso aconteceu como retratado é um caso muito isolado. Há décadas que trabalhamos na Amazônia, e nunca soubemos de nenhum povo indígena em que se diga aos pais que matem as crianças. Isso não acontece.

Quem fez o filme?

Stephen Corry: O filme foi realizado por David Cunningham, que é acusado de ‘reescrever ficcionalmente a História’ num outro filme. Ele é filho do fundador de uma organização evangélica norte-americana, Youth With a Mission, que se chama Jovens Com Uma Missão (JOCUM) no Brasil. É uma das maiores do mundo. Não há menção de quem produziu o filme no trecho do YouTube ou no website.

Se você explorar melhor o site, vai descobrir que é uma encenação mas não vai encontrar nada sobre quem está por trás de tudo isso. Você é convidado a doar dinheiro para a UNKF mas vai ficar sem saber o que as iniciais querem dizer (faz parte da missão). O envolvimento evangélico não é mencionado. Mesmo que você faça o download de todo o filme, os créditos estão ilegíveis, por isso ficamos sem saber quem está por trás dele.

Porque você acha que fizeram isso?

Stephen Corry: Há décadas que os missionários evangélicos escondem seu trabalho, especialmente em lugares como América do Sul, que tem uma tradição católica muito forte. A JOCUM foi expulsa de certas áreas do Brasil mas continua lá, ilegalmente.

Mas o filme se opõe ao infanticídio, isso não é bom?

Stephen Corry: O infanticídio é uma coisa errada, mas temos que perceber todo o contexto para ver que a campanha desses missionários é muito perigosa. Também é importante entender o infanticídio em si, algo que é praticado em todo o mundo.

OK, vamos falar sobre isso primeiro. Não é errado matar crianças?

Stephen Corry: Claro que é. Os Índios da Amazônia amam os seus bebês: sugerir o contrário é racismo. O infanticídio é raro na Amazônia. Quando acontece, ele quase sempre obedece a um certo padrão: a decisão cabe à mãe e não é tomada com leveza. A decisão é tomada em privado e secretamente e é muitas vezes vista com vergonha – sempre como algo trágico.

Normalmente as mulheres dão à luz no interior da floresta, sozinhas ou na companhia de uma ou duas outras mulheres. Se um bebê nasce com deformidades significativas e com poucas possibilidades de sobreviver – e por vezes por outras razões também – pode não ser levado de volta para a casa. Pode ser abandonado ou até morto.

Os bebês não são considerados membros da sociedade. De certo modo, não são vistos como seres humanos até que sejam ‘reconhecidos’, muitas vezes através da atribuição de um nome, por exemplo. Isso acontece em muitas sociedades, incluindo a nossa própria, até há bem pouco tempo.

Como pode comparar abandonar bebês a morte com a nossa sociedade?

Stephen Corry: É terrível, mas na verdade situações semelhantes acontecem na nossa sociedade. Muitos bebês que nascem com deformidades graves nos hospitais são tratados com conforto mas não são alimentados. Isso aconteceu com o parente de um amigo meu. Os registros médicos oficiais apenas diziam: ‘Todos os cuidados prestados’ e deixaram que o bebê morresse. A decisão terrível de não tentar manter o bebê vivo é tomada em silêncio e em privado, pelos pais e pelo pessoal médico.

Obviamente, como tudo, essas práticas são susceptíveis de abuso, mas a última coisa que uma pessoa precisa no momento de tomar essa decisão agonizante é que um grupo de fundamentalistas se intrometa e tente impor as suas crenças – nenhuma sociedade responsável pode admitir isso.

Do mesmo modo que as pessoas com doenças terminais podem ser auxiliadas a morrer, deixar que bebês doentes morram nunca é oficial e é ocultado.

Obviamente, o que é tido como gravemente incapacitado na Amazônia e diferente do que é considerado aqui, mas o princípio, a tragédia humana, o desespero e os sentimentos de culpa e vergonha são os mesmos. Só pode ser:

os Índios também são gente. Como eu dizia, eles amam os seus bebês tanto como nós amamos os nossos.

Não estou defendendo o infanticídio: estou expondo os fatos. As coisas poderiam ser diferentes se esses fundamentalistas acreditassem num ensinamento da Bíblia: que só quem está livre de pecado deve jogar pedras nos outros – ‘pecadores’, talvez – que tentam lidar com as tragédias da vida. Mas é claro que a natureza do fundamentalismo é mesmo selecionar em quais ensinamentos acreditar e quais rejeitar.

O filme afirma que o infanticídio indígena está muito difundido.

Stephen Corry: A maioria dos especialistas não acredita nisso. Ninguém pode saber se aconteceu uma ou cem vezes num ano, mas alguns fingem que sabem. Não pode ser corroborado; investigações sobre infanticídio na Europa e na América do Norte também são difíceis de corroborar, mas apontam para resultados chocantes.

Como eu dizia, a maioria dos especialistas em assuntos indígenas, pelo menos aqueles sem inclinações para evangelizar, acredita que é raro e que está desaparecendo e isso também é o que diz a maioria dos Índios. Acreditamos que em muitos povos não acontece há anos.

Vamos ser claros, você não está negando que alguns bebês são mortos na Amazônia?

Stephen Corry: Claro que não. Em todo mundo se matam bebês. Para além das mortes medicalmente ‘sancionadas’ que eu já mencionei, pouca gente sabe que,

por exemplo, aqui (no Reino Unido) você tem mais probabilidades de ser morto no seu primeiro ano de vida do que em qualquer outro momento de sua vida. Nos EUA, pensa-se que cerca de um milhão de bebês são vítimas de maus tratos todos os anos, e não menos de 20% morrem em consequência.

Na verdade, nos EUA, é legal negar ‘assistência’ a bebês com deficiência desde 1986, uma política também aceita pela Igreja Anglicana mais recentemente. Na Holanda, investigadores pensam que entre 10 a 20 bebês são deixados a morrer depois do nascimento, cada ano. Nos EUA, o número equivalente sobe aos 85. Quanto mais uma pessoa se dá conta desses números, mais se pergunta porque esses missionários decidiram implicar com os Índios brasileiros. Por exemplo, acredita-se que, no Reino Unido, uma em cada 10 mortes de crianças seja infanticídio.

Práticas bárbaras, incluindo níveis de desigualdade medievais que resultam em sofrimento e morte – proliferam em todo o mundo, não mais na Amazônia do que nos EUA ou Reino Unido. Conheci muitos Índios da América do Sul que acham que a forma como nós tratamos os nossos idosos é horrenda.

Então porque se opor a este filme se ele só tenta acabar com isso?

Stephen Corry: O filme e a mensagem que ele passa são prejudiciais. Concentram-se no que eles alegam acontecer rotineiramente em comunidades indígenas, mas não acontece. Promove sentimentos de ódio contra os Índios. Veja os comentários no site do YouTube, coisas como: ‘Então vamos aniquilar essas tribos. Elas

fedem.” e ‘Esses amazônicos filhos da p--- que enterram criancinhas, matem todos’. Os autores do filme deviam se envergonhar de todo o mal que estão fazendo às pessoas que eles estão querendo ajudar.

Isso é propaganda para apoiar a campanha evangélica para um princípio muito perigoso, o chamado projeto de lei Muwaji que foi apresentado no Congresso Brasileiro.

O que é isso?

Stephen Corry: A lei Muwaji foca-se naquilo que chama ‘práticas tradicionais’ e estipula o que o Estado e os cidadãos devem fazer. Estipula que se alguém *achar* que existe um risco de prática tradicional danosa, tem que a relatar. Se não o fizer, corre o risco de ser preso. As autoridades *têm* que intervir e remover as crianças e/ou os pais. Tudo isso porque alguém, qualquer pessoa, um missionário, por exemplo, alega que existe algum risco.

Mas não acha que qualquer lei que proíba que se matem crianças é, por natureza, justa?

Stephen Corry: Já é ilegal matar crianças no Brasil; não é necessário passar mais legislação. Comparativamente, muitas mais (milhares) de crianças não-Índias são maltratadas e mortas no Brasil do que crianças indígenas.

Maus tratos físicos são comuns em algumas áreas de fronteira, infelizmente, e isso é visto pelos Índios como algo atroz e impensável.

Cerca de 2 a 6 crianças são assassinadas em apenas uma cidade, o Rio, não em

cada ano, mas em cada dia! Adicione a esse número o número estimado de crianças que morrem por falta de alimento, cuidado médico e higiene e anualmente milhares de bebês brasileiros nunca chegam a ver o seu primeiro aniversário.

Um momento de reflexão basta para mostrar como essa lei pode trazer desarranjos sociais catastróficos, levando vizinhos a espiar vizinhos, famílias divididas e vidas destruídas. As autoridades locais estão predestinadas a errar por precaução e arremessar-se, especialmente se elas próprias se expõem ao risco de aprisionamento, caso não atuem. Qualquer tipo de disputa entre vizinhos, por mais insignificante que seja, corre o risco de escalar em ações horríveis e irreversíveis. Longe de levar a diminuição de violência contra as crianças, é mais provável que induza a *mais*, uma vez que o Estado retiraria crianças pequenas dos seus pais e de suas sociedades.

Suponha, por exemplo, que um membro de uma comunidade, que por qualquer motivo esteja descontente, ou um missionário local, relata que acha que todos na aldeia sabiam do risco de infanticídio mas não tinham levado isso as autoridades. Segundo o proposto projeto de lei, todos os membros da comunidade, exceto ele, deviam ser presos! É uma lei que encoraja a caça às bruxas.

Mas é provável que se chegue a esses extremos?

Stephen Corry: Sim, veja o que aconteceu na Austrália durante décadas, até aos anos 70. As crianças Aborígenes eram tiradas de seus pais e levadas para

longe de sua cultura, supostamente nociva. Os missionários eram muitas vezes os intermediários dessa política. De boas intenções o inferno está cheio: por causa dessa política, gerações de Aborígenes sofreram deslocamentos sociais horrorosas, que deixaram um legado de níveis de detenções, alcoolismo, violência doméstica e suicídio catastróficamente altos. Esta política, hoje considerada criminosa e hipócrita, é genialmente retratada no filme ‘Rabbit-proof fence’.

A lei Muwaji faz o Brasil regredir séculos, para um tempo em que os nativos ‘selvagens’ eram atacados e eliminados pelos colonizadores que se apoiavam em crenças religiosas para justificar o seu próprio barbarismo atroz. Longe de ajudar as crianças indígenas brasileiras, a lei pode prejudicá-las, e muito.

E você acha que os missionários evangélicos não pensaram nisso?

Stephen Corry: A maioria das pessoas ficaria surpreendida com o grau de extremismo manifestado por alguns missionários evangélicos. Alguns deles pensam que qualquer pessoa que não partilhe suas crenças está possuído pelo demônio, mesmo que seja outro missionário cristão! Alguns acreditam que não interessa se pessoas morrem por causa das suas ações, uma vez que de qualquer forma já estão amaldiçoadas eternamente; e que a ‘salvação’ de uma alma justifica a morte de outras. Alguns missionários estão mais interessados na vida depois da morte do que no bem estar dos vivos.

Muitos índios *morreram*, por exemplo no Paraguai, porque foram caçados para

serem levados para missões. Uma dessas expedições com vista ao contato, organizada por missionários e que resultou em muitas mortes, é relatada num filme da Survival, ‘Povos Isolados’. Diga-se de passagem que esta gravação não é uma reconstituição, mas pelo contrário, é inteiramente real, gravado conforme aconteceu e sem cortes.

O que responderia aos que o podem acusar de ser anti-missionário?

Stephen Corry: Não é verdade. Nós, e eu pessoalmente, trabalhamos com inúmeros missionários. Os melhores fazem muito em prol dos povos indígenas, e são dos primeiros a protegê-los e aos seus direitos; os piores são muito prejudiciais. O mesmo pode ser dito sobre os antropólogos, ambientalistas ou qualquer outro grupo, na verdade.

E quanto àqueles que dizem que a Survival criticou organizações missionárias?

Stephen Corry: Nós criticamos organizações de todos os tipos. Faz parte do nosso trabalho. Mas também colaboramos estreitamente com muitas outras. Há cerca de 10 anos, um alto posto de uma organização missionária bastante grande me disse pessoalmente que as nossas críticas, publicadas na década de 1970, tinham estimulado melhorias no seio da sua organização.

É obvio que o movimento evangélico é muito poderoso e é parte integrante de alguns setores da política norte-americana e da sua política externa. Tende a considerar qualquer crítica como ‘comunista’ ou ‘anti-americana’, sendo ambas as coisas tidas como

“diabólicas”, literalmente. Esta facção não atende a argumentações baseadas no que realmente acontece, e ainda menos em princípios de direitos humanos, que são vistos como muito suspeitos ou apenas como algo a ser manipulado em seu benefício.

O que faz você estar certo e eles errados?

Stephen Corry: A resposta a sua pergunta reside nos impactos sobre a vida dos povos indígenas e a sua capacidade de viver bem, no presente e no futuro, e como podemos ajudá-los realmente. Os Índios do Brasil não são prejudicados por insuficiência de legislação condenando o infanticídio, que já é ilegal, acertadamente. O problema dos Índios é que as suas terras estão sendo invadidas e roubadas por fazendeiros, madeireiros e mineradores, o que traz muito sofrimento e morte. Aqueles que querem ajudar devem concentrar suas energias na oposição a isso, não em defender um projeto de lei imperfeito que provavelmente trará danos para as crianças indígenas, em vez de ajudá-las.

Não se engane: os Índios vão ser prejudicados com essa campanha. O público está sendo educado a odiar os Índios, até a desejar que eles morram. E não se pode culpar os espectadores pela sua hostilidade: poucos poderiam assistir a ‘Hakani’ sem se insurgir contra os Índios.

É por isso que nos opomos a ele. Se os autores do filme dizem que não era essa sua intenção, isso apenas revela irresponsabilidade. Qualquer um podia prever como os espectadores iriam reagir a cenas que eles orquestraram. Deixar

que esses sentimentos se cristalizem numa lei que pode dividir famílias indígenas seria uma tragédia sem remédio.